

Regenerador Liberal

SEMANARIO MONARCHICO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao

"Regenerador Liberal," — OVAR

COMPOSTO E IMPRESSO NA Typ. de José Fructuoso da Fonseca & Filho

72, Rua da Picaria, 74 — PORTO

DIRECTOR e PROPRIETARIO
Amadeu Peixoto Pinto Leite
SECRETARIO da REDACÇÃO
Manoel Maria Correia Vermelho

ASSIGNATURA
Em Ovar (anno) 1\$000 reis
Com estampilha (anno) 1\$200 »
Brazil e Colonias 1\$500 »

PUBLICAÇÕES
Cada linha, 60 reis. Repetições, 30.
ANNUNCIOS
Annuncios judiciaes ou administrativos,
gratis. Sello de cada annuncio 10 reis.
Redacção e Administração
Largo de S. Miguel—OVAR

A Republica Portuguesa

Está definitivamente implantada a republica em Portugal. Seculos de monarchia civilisadora na formação e segurança da conquista dos direitos e territorios do continente; seculos de monarchia descobridora dos territorios colonias; seculos de monarchia absoluta alumada pelas fogueiras da inquisição e humedecida pelas lagrimas d'uma sujeição de 60 annos de ignominia; seculos de fanatismo jesuitico causticado pela rigidez d'um braço de ferro; seculos de commodismo, regalias e liberdades mal comprehendidas pelo constitucionalismo moderno; tudo baqueia, tudo se afunda, perverte ou reconstrue ao sopro benéfico ou nefasto da mudança do regimen a que vimos assistindo.

Causa pena e dó ver como o patriotismo perdeu os fóros da dedicação, coragem e valor, que supunhamos rodear a ideia monarchica em Portugal.

Dissolveu-se o ultimo élo da monarchia em Portugal com a fugida do ultimo rei, do ultimo abeucerrage que representava a casa de Bragança e que subira no frémto do entusiasmo nacional que acordara d'um somno de ignominia e se afundira no charco de lama que rodeara o ultimo representante da realza nacional.

Causa pena e dó ver como um rei é deposto, expatriado e apeado do throno onde a fatalidade d'um crime o collocou, rodeado de lagrimas e sympathias d'um povo inteiro, e d'onde a fatalidade da hypocrisia monarchica o arrancou ignobilmente, apontando-lhe sarcasticamente para o navio que o devia levar ao exilio.

D. Manuel era uma creança ainda, um rei inexperiente, um infeliz precoce, como precoce e infeliz fóra a dedicação fingida dos monarchicos de profissão que o rodeavam, e o envolviam no fumo da lisonja que só a mão perfida sabe thuribular deante dos reis.

D. Manuel, agora no exilio e curtindo eternas saudades pela patria que o fez portuguez e pela constituição que o adoptava como Rei, ha-de ter chorado muita lagrima sobre a fatalidade do seu destino, e proferido muito improperio sobre a falsa amizade dos que se diziam seus amigos e servidores.

Lá na soledade do expatriado lhe ha-de ter perpassado pela mente o nome infame e desprezível dos aulicos que o incensavam e dos judas que lhe deram o beijo da traição.

D. Manuel que pergunte agora aos seus amigos da ideia monarchica para onde fugira aquella amizade na hora solemne em que a ideia republicana, abraçando exercito e povo no mesmo complexo de aspirações, se exteriorisava energicamente nos recontros d'uma lucta sentida e pertinaz!

D. Manuel que pergunte lá do exilio para onde fugira a pleiade dos seus amigos da Liga azul que lhe faziam a ála de namorados nas suas digressões regias pelo norte, e onde se escondeu a ille patriotismo, aquella devoção e sympathia que em Lisboa o rei infeliz e sincero ia beber nos labios febricitantes dos cavalheiros da triste figura da Liga Monarchica Portuguesa!

D. Manoel pensava encontrar na gente da Liga um baluarte de patriotismo e monarchismo a toda a

prova e encontrou n'essa gente o mais injustificado desdem e o mais atroz dos desprezos.

A escumalha da população acompanhou sempre o exercito insubordinado, luctou peito a peito contra o soldado fiel á sua patria e ás instituições vigentes de então; o amigo do rei, o amante da monarchia, o sincero defensor da ideia monarchica, fugiu, deixou o soldado sozinho e substituiu a sua honra.

A implantação da Republica é hoje um facto e acima d'um facto isolado é um edificio alicerçado.

Em Portugal o povo tem a logica accommodacia que as circumstancias lhe impõem. Não se rala com nada que seja alheio aos interesses da sua vida particular; e o povo está affeito a considerar os negocios publicos como questões de nullo interesse nacional.

Temos a republica implantada pelos meios mais legitimos que a inconsciencia monarchica corroborou.

Não somos republicanos nem seremos jámais; temos a nossa sympathia pelo systema monarchico, e com ella morreremos; é assim uma especie de miguelismo moderno em que tencionamos viver os dias de vida que Deus nos reservar. No entanto respeitamos o novo regimen e oxalá que em breve o nosso respeito d'hoje se mude em admiração.

Pelo menos é essa a nossa esperança no que diz respeito ao governo do municipio em Ovar.

27 de Setembro de 1810

(Continuado do n.º 56)

Batalha do Bussaco

Dia 27—Hoje levantou-se o general muito cedo.

Mandou logo sahir as suas bagagens para fóra da matta.

Das 4 para as 5 da manhã, valendo-se os francezes de uma espessa nevoa que de noite se tinha levantado por todo o valle que mediava entre um e outro exercito, avançaram com grande impeto sobre a nossa tropa, principalmente em as duas estradas que veem de Mortagua para Coimbra.

Como a nevoa não deixasse ver a vizinhança dos francezes, em a estrada de Santo Antonio do Cantaro chegaram a romper a nossa linha; porém foi com tal infelicidade, que todos os que subiram ao cume da serra não retrocederam um passo; porque acudindo logo um regimento nosso a fechar a linha, matou a uns, feriu e aprisionou os mais.

Na outra estrada não chegaram a tanto; mas sempre entraram em a Sullá; e subiram até pertissimo da nossa artilheria. Esta principiou logo a jogar sobre elles com toda a força, e os caçadores da mesma sorte.

Levantou-se logo a nevoa; então se descobriu a grande multidão de francezes que havia subido até aquelle ponto.

Como o fogo da nossa artilheria fosse muito vivo, e a d'elles não podesse jogar quasi nada, uma grande parte d'esta columna fugiu rapidamente pelo monte abaixo.

Os nossos caçadores lhe deram ao mesmo tempo uma grande apurada, a qual deu bastante alegria a quem a ouviu e observou.

Durou o fogo de parte a parte com grande effeito e actividade até ás 4 horas da tarde.

Pelas 8 da manhã, eu depois de

me haver confessado e dicto missa, e mais outro padre, sahi do convento a ver o fogo: indo entrando pela porta que está ao pé do tanque, encontrei ali um paizano a chorar; perguntei-lhe o que tinha? Respondeu-me, quasi sem articular palavra: pois não vê aquillo?—O quê? disse eu. Acrescentou elle: aquelles francezes feridos que ali estão.

Reparei logo para baixo, vi-os de tão miseravel forma, que sem querer me principiaram logo a correr as lagrimas.

Um d'elles, que causava mais ternura tinha o rosto atravessado dum para outro lado com uma bala, a qual lhe passou por entre os queixos: o sangue sahia-lhe pela bocca, e tinha já uma grande porção d'elle coalhado pendente dos beiços. Este nem sequer uma palavra podia dar.

Os outros não estavam tão mal, excepto uns quatro ou cinco, que estavam cortados pela cintura e tão exgottados de sangue, que tremiam de frio. Os inglezes fizeram-lhes logo uma grande fogueira e os deitaram á roda d'ella.

Fui-me logo d'aqui por não poder ver tantas lastimas.

Subi ao alto da malta: da parte de fóra da porta, que ali se abriu, estavam os cirurgiões ligando as feridas dos nossos caçadores, que eram muitos: mas não tão mal feridos e lastimosos como os francezes.

Continuei pela serra fóra a ver se podia ver o fogo; não me foi possível: porque as ballas do inimigo atravessavam o cume da serra para a parte de cá; chegavam ao meio da matta. Isto obrigou aos nossos regimentos, que não davam fogo, a assentarem-se algum tanto de traz do alto.

Como não pude ver o fogo, voltei para casa. Quando cheguei, um soldado da guarda do general disse-me que estava prisioneiro um general francez chamado Simon: foi logo mostrar-m'o. Elle estava ferido com tres ballas, todas em a face direita.

Veio tambem com elle um capitão que servia de seu secretario, porém este não estava ferido.

Lord Wellington mandou tractal-o com toda a honra e humanidade; e um official inglez lhe deu seu quarto.

Mandou-se-lhe buscar as suas bagagens. Massena remetteu-l'as promptamente. Veio tambem sua mulher: tudo isto no dia seguinte pela manhã.

O prelado mandou benzer um pedaço de terra em o olival para se enterrarem lá os feridos que iam morrendo.

Os nossos caçadores padeceram muito hoje; porque não foram rendidos vez nenhuma: supportaram com grande animo e valor o fogo todo o dia.

Um seu capitão disse-me á noite: que se tinham tres dias como este, não escapava um só caçador. E' verdade que os mortos não foram de mais; porem os feridos foram muitos. Só dos que estavam no pateo, para onde eram conduzidos depois de ligadas as suas feridas, foram 80 carros á noite para Botão. A todos elles demos vinho, e o mais que pediam.

Uma cousa extranhámos muito nelles; estando a morrer uns ao pé dos outros, e todos em perigo grande de vida, nenhum pedia confissão, nem ainda se ouvia fallar em Jesus, o que é tão proprio e tão natural a um christão afflicto.

Beresford, que tinha seu quartel em Santa Eufemia, veio esta noite dormir á nossa livraria.

(Continúa).

Discurso do sr. conselheiro

Martins de Carvalho

(Conclusão)

A política social da dictadura

E n'outras medidas pensava o governo, estando-se por exemplo a estudar pela pasta da fazenda varias providencias, instituindo os seguros operarios contra a doença, os accidentes, a falta de trabalho, etc.

Deve notar-se que a obra social feita pelo governo, foi realisada antes de alcançado o equilibrio orçamental, que deve constituir a base natural de uma verdadeira politica socialista. O governo regenerador-liberal tinha de resto declarado nos relatorios do decreto de 29 de maio de 1907 sobre o imposto de rendimento e os ordenados dos pequenos funcionarios e do decreto de 29 de junho, do orçamento, que considerava o equilibrio financeiro o objectivo fundamental do seu plano e a unica base, natural e segura, de uma politica social.

Os adversarios do governo regenerador-liberal não lhes deram tempo a que elle conseguisse com o equilibrio effectivo do orçamento o ponto de apoio necessario para uma politica de mais largas reformas sociaes, de fomento, e da criação de um poder militar e naval em harmonia com a situação internacional e colonial do paiz. Mas que se marchava para um equilibrio é manifesto pelos resultados de administração financeira d'esse governo, reconhecidos já em relatorios officiaes de governos subsequentes.

Em dictadura realisou-se uma obra larga e fecunda de reformas sociaes, que a insurreição de interesses illustres, illicitos e immoraes não deixou proseguir.

Ficaram, porém, alguns factos consummados em algumas reformas importantissimas e ficaram bem assinaladas intenções rasgadas e generosas.

Porque o orador fallou na obra socialista da dictadura de 1907-1908, convem chamar a attenção para aquella desdenhosa formula com que os republicanos portuguezes designam todo o socialismo dos governos monarchicos. Chamam-lhe um socialismo da policia...

E' que sabem que todo o augmento de vantagens e confortos ás classes operarias lhes reduz a base da mobilisação revolucionaria. E' que para poderem alcançar o mando, com o seu culto externo ou quaesquer indirectas vantagens materiaes, absolutamente precisam de que se mantenham na maior miseria os trabalhadores, para que estejam naturalmente dispostos a sacrificar-lhe ás ambições, a liberdade e a vida. Precisam de que permaneçam as razões de descontentamento e a miseria das classes trabalhadoras para que no momento proprio forneçam com alguns cadáveres os degraus por onde a arbição jacobina pretende trepar.

Um doutrinario socialista definiu o socialismo *uma questão de estomago*. E uma questão de alimento e de conforto. E que tem com a alimentação e conforto a côr vermelha ou as côres azul e branca da casa em que se habita? Que relação ha entre as vantagens e conquistas das classes trabalhadoras e a etiqueta republicana ou monarchica dos regimens de governo?

Creação de um ministerio ou de um instituto social do trabalho,—regulamentação das horas de traba-

lho, das condições das fabricas e officinas, das industrias perigosas e insalubres, do trabalho no domicilio, do contracto individual e colectivo do trabalho, da justiça arbitral, dos syndicatos de classe, do mutualismo, das cooperativas — que importa que sejam feitas por uma monarchia ou por uma republica? Que relação existe entre a côr vermelha ou a côr azul e branca da frontaria e as vantagens materiaes dos moradores?...

Aquelle socialismo que Mélin chamou *socialismo sem doutrinas* tem tido largo desenvolvimento nas monarchias, na Belgica, na Allemanha, na Inglaterra e principalmente em colonias do imperio britannico, a Australia e Nova Zelandia, onde governam os socialistas. Na propria Inglaterra continental — a patria do individualismo economico — chamou Dicey de *collectivismo* ao ultimo periodo do seculo XIX. Na propria Inglaterra continental o partido do trabalho está hoje representado no gabinete.

Da exposição feita, e que aliás abrange apenas um aspecto restricto da obra do governo de João Franco, resulta a magnitude do seu plano de reformas e de administração publica. E' indispensavel que essa grande obra tenha continuação.

A scisão de 1901, o largo periodo de propaganda opposicionista, a gloriosa phase de actividade parlamentar de 1906 a 1907, a dictadura, toda a administração regeneradora-liberal, são factos que não se podem esquecer. Não são coisas ephemeramente escriptas a giz n'uma ardósia, e que commodamente se possam apagar com uma esponja.

E porque não o são, continúa o partido regenerador-liberal, com a sua grande tradição, com o espirito politico e administrativo que desde o seu inicio o caracterizou, com o pensamento de levar a bom termo a larga obra de reforma iniciada desassombadamente pela situação de 1906 a 1908.

Torna-se preciso manter a tradição franquista e levar ao fim a obra começada. E authenticos representantes d'essa tradição, são todos os leaes e dedicados soldados, que mantem a fé na bandeira autonoma do partido, e para quem a obra de João Franco não pôde ter ficado mallogadamente reduzida a uma generosa semente de todo perdida n'uma terra adversa, mas tem futuro e demanda que a levem por diante.

Representam authenticamente essa tradição, sempre que traduzam em factos a nossa razão de ser, a nossa força, o nosso espirito de proseguir no caminho andado. São elles os legitimos continuadores do trabalho já feito, ainda no mais modesto e simples acto de afirmação partidaria, que assume as augustas proporções religiosas de um sacramento, desde que seja praticado com o pensamento posto na tradição franquista e na tarefa patriótica a levar a cabo. São elles os legitimos continuadores d'essa obra, quer no esplendido trabalho de propaganda dos centros, quer no simples acto de afirmar na urna uma força partidaria, que, mesmo os maiores desastres não conseguiram eliminar, nem sequer sensivelmente reduzir, e que continúa a ser a esperança mais bem fundada da patria e das instituições.

Annuncios judiciaes ou administrativos, gratis.

Republica Portuguesa

No *Diario do Governo* de 6 de outubro de 1910 lê-se:

«AO POVO PORTUGUEZ

Constituição do governo provisório da republica.

Hoje, 5 de outubro de 1910, ás 11 horas da manhã, foi proclamada a republica de Portugal na sala nobre dos paços do municipio de Lisboa, depois de terminado o movimento da revolução nacional.

Constituiu-se immediatamente o governo provisório.

Presidencia—Dr. Joaquim Theophilo Braga.

Interior—Dr. Antonio José d'Almeida.

Justiça—Dr. Affonso Costa.

Fazenda—Bazilio Telles.

Guerra—Antonio Xavier Correia Barreto.

Marinha—Amaro Justiniano de Azevedo Gomes.

Estrangeiros—Dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães.

Obras publicas—Dr. Antonio Luiz Gomes.

Assim ficou pois constituído o governo da republica lusitana, implantada em Lisboa pela revolução militar, e em Portugal inteiro pelo *telegrapho*, como no *Mundo* afirma Mayer Garçon!

Conferencia de S. Vicente de Paulo

Estamos plenamente de accordo com o sr. Jayme L. Souto Mayor, em que será mais facil e mais practica a fundação da Conferencia de S. Vicente de Paulo, que a do Lactario, e cujos resultados não discutimos.

Antes de mais nada vamos apresentar aos leitores a carta do sr. Souto Mayor, que é do theor seguinte e que de certo despertará no espirito de todos a mesma convicção:

«Sr. Redactor do «Regenerador Liberal».

Hoje não envio a carta do costume. Estou convencido que a minha ideia tem produzido algum effeito no espirito de V., sem embargo dos pequenos reparos que fez á minha maneira pessoal de encarar a caridade. Deixemos isso. Não fallo hoje de móto proprio. O que julgo necessario era que no espirito dos seus leitores d'Ovar entrasse o conhecimento do que é a obra de S. Vicente. Mais tarde tratarei d'aquelle assumpto. Por hoje limito-me a fazer um resumo, ou melhor, a transcrever as *regras practicas* para a formação ou fundação d'uma Conferencia. Ellasahi vão:

1.º—As primeiras diligencias consistem em formar a Mesa da Conferencia. Os membros da mesa devem ser seculares, visto que a Sociedade tem uma organisação leiga. A mesa compõe-se de: 1 presidente, 1 ou mais vice-presidentes, 1 secretario, 1 thesoureiro.

O presidente necessita de ler com attenção o Manual para conhecer bem o espirito da Sociedade e dirigir com acerto a Conferencia.

E' indispensavel que tome interesse pela Obra, porque d'elle depende o exito d'esta.

2.º—O parochio póde exercer as funcções de *presidente de honra*.

3.º—Além dos membros da mesa, a Conferencia póde conter um numero indeterminado de vogaes, podendo mesmo ser ecclesiasticos; devendo notar-se que não é indispensavel serem muitos; 5 ou 6 membros, incluindo a mesa, podem constituir a Conferencia.

Além dos membros activos a Conferencia póde ter, e é conveniente que tenha, socios subscriptores, homens e senhoras, que com as suas esmolas auxiliem a Conferencia.

Os socios subscriptores não assistem ás sessões.

4.º—O local das reuniões póde ser a residencia parochial, a sacristia d'uma igreja ou capella, uma sala d'uma escola, a casa d'um confrade, etc., devendo todavia ter-se em conta que o local seja independente, e não dê margem a que se suspeite que alguns fins politicos ou outros, que não sejam os da pura caridade, movam os confrades.

5.º—As reuniões são semanais, em dia e hora combinados entre todos.

6.º—A ordem a seguir nas sessões, é facil vê-la no Manual respectivo a pag. 176. Depois de se proceder á leitura do Manual, porque abre a sessão, pas-a-se:

a) Leitura e approvação da acta.

b) Declaração do estado da Caixa, pelo thesoureiro.

c) Propostas para novos socios, activos, honorarios e subscriptores, uando as houver. As propostas para socios activos devem ser previamente participadas em particular ao presidente, fóra das sessões.

d) Informaçoes dos confrades sobre os pobres visitados durante a semana.

e) Quaesquer assumptos d'interesse para a Conferencia.

f) Distribuição, pelo secretario, dos vales aos confrades.

g) Collecta, que é sempre secreta.

h) Oração do fim das sessões, feita de joelhos.

Durante a sessão — que não deve prolongar-se em demasia — é absolutamente prohibido tratar de assumptos politicos ou outros estranhos á Caridade.

7.º—Os vales devem ser habitualmente em generos, para o que a Conferencia se intende com um ou mais fornecedores.

8.º—O valor dos vales costuma ser, em média, de 200 réis. Este valor, porém, e bem assim o numero de familias adoptadas, variam segundo os recursos da Caixa. Não devem os conferentes preocupar-se com a exiguidade dos recursos. Neste particular o espirito das Conferencias é o seguinte: *Se tens muito dá muito, se tens pouco dá pouco, mas de boa vontade*. A Conferencia, portanto, socorrerá o numero de pobres que fôr compativel com o estado da Caixa.

9.º—Os vales serão entregues pessoalmente pelos confrades aos seus pobres no proprio domicilio d'estes, durante os oito dias. Esta visita domiciliar é fundamental, e constitue uma Obra de obrigação, que por coisa alguma deve omitir-se.

10.º—Decorridos dois mezes de bom e regular funcionamento a Conferencia de Ovar poderá solicitar do Conselho Central ahi do Porto a sua aggregação.

O pedido para aggregação deve ser enviado ao Conselho Central do Porto (emquanto no paiz não existir um Conselho Superior), o qual remetterá esse pedido para Paris. Logo que o Conselho Geral envie a *Carta de aggregação* o Conselho Central a fará chegar á respectiva Conferencia, ficando esta desde então gosando todos os privilegios espirituales annexos á Sociedade das Conferencias.

Como V. vê é simples a fundação d'uma Conferencia, se a ella presidir o verdadeiro amor pelo proximo. Além d'isso é compativel com a exiguidade de recursos que por ventura, o que eu não creio, possa assaltar essa obra durante o seu benefico funcionamento.

E por hoje, por aqui fica o — De V. etc.

Jayme L. Souto-Mayor.

Nada mais temos a vêr. Agora mãos á obra e para a frente.

Archivando

O *Correio do Norte*, diario catholico da manhã, que sae na cidade do Porto sob os auspicios e direcção do Dr. Manuel Abundio da Silva, protestava leal obediencia, o que é justo, á Republica portugueza e sincera adhesão, o que é justissimo. No n.º 83, dia 7 do corrente, lá vinha isto que archivamos:

«Nós, no rigoroso cumprimento dos nossos deveres, protestamos ao novo governo constituído a nossa sincera adhesão e a nossa leal obediencia.»

Obediencia, leal ou desleal, todos nós somos obrigados a prestar ao Governo constituído, seja qual fôr a orientação que o dirija; agora isso de *adhesão* e *adhesão sincera* de mais a mais, cheira a emprego futuro, com toda a certeza.

CARTA DO PORTO

Impressões d'um passeio a Ovar

(Continuado do n.º 56)

No Furadouro

Terminára o almoço no meio da mais fraternal amizade. Saímos pelo quintal, admirando sempre as boas condições hygienicas de que é dotado aquelle pequeno mas elegante *bijou*, que tanto se irmana com a sua modesta bibliotheca, enlevando-nos, em doce sonhar, ás candidas regiões da intellectualidade, quando extenuados, o silencio nos invade o espirito depois das lides do dia.

Fóra do quintal avista-se a umas dezenas de metros um frondoso pinhal — a lembrança do summo bem que o seu oxigenio influe na nossa vida parecia que nos desinfectava os pulmões, algo arruinados, com o pestillente e infeccioso respirar da cidade, como o Porto, sujeita a achagues, devido ao agglomerar já apodrecido de seus bairros.

— Lá está o carro da carreira p'ró Furadouro — diz-nos o nosso M., depois de percorrermos algumas ruas.

Subimos; depressa fica repleto de passageiros. Tudo conversa. Nós, na boleia, fazemos equilibrios varios, afim de accomodar uma vareira que, já no caminho, pede logar no carro.

E' magnifica a estrada do Furadouro, larga, como poucas, bem feita, e já aqui e além topamos com lindos predios, alguns de construcção moderna — dando-nos a illusão de que vamos a caminho de Mattosinhos.

O nosso collega do Porto vae conversando, animadamente, com a mulhersinha, uma quarentona, fresca, com o seu tradicional chapéu e o chaile entrelaçado, como os academicos de Compostella. Escuto; ambos discorrem com circumspecção; resolvo associar-me ao dialogo afim de colher impressões sobre o seu caracteristico e fico surprehendido — ella responde a tudo sem hesitação, e com clareza, coisa que no Porto não estamos habituados a vêr na classe mais rude.

Fallo-lhe sobre melhoramentos na villa e volve-nos ella:

— Oh, senhor, não sei o que se faz a tanto dinheiro, qu'a cada passo vae p'ra camara.

— Mas, uma vez lá, deve melhorar a evolução da villa.

— Melhorar! Elles não se importam com isso. Podiamos, é verdade, ter um mercado, uma praça de peixe, mas nada d'isso!

— Então os camaristas julgam que *aferrolhar* os dinheiros do contribuinte é administrar bem?!

— E' isso, senhor; é verdade...

Tomamos folego. A paisagem neste momento é encantadora, os vastos campos e pinhaes que nos cercam, perfumam-nos a alma d'uma paz mystica, sonhadora; grupos de pescadores cruzam connosco carregados de sardinha.

Alguem de cima do carro vae fallando nos briosos alumnos do Collegio de Santa Maria, do Porto, que, a partir d'aquelle dia, deixavam de ser banhistas no Furadouro. A nossa boa vareira, em tom pezaroso pela sua ausencia, que se resentiria na classe piscatoria, explica-nos na sua rudez:

— *Coitadinhos!* Ainda ha pouco no incendio que aqui houve, onde arderam muitas casas de pescadores, era um *gosto* vel-os a trabalhar no fogo, com machados, baldes e ferros que *arranjaram*; aquillo foi uma alegria quando tudo se apagou. Olhem, quando os bombeiros chegaram já tudo estava acabado!...

— Tem bombeiros que cheguem para estes sinistros?

— Muito poucosinhos. A camara é que já devia ter olhado para isto; olhe que a nossa praia, não é por eu o dizer, é a mais rica de Portugal e até podia ter policias, que não fazia nada de mais; ah, a villa dá p'ra tudo isto e não tem nada.

— Tem illuminação?

— E'... é... a petroleo: aqui um e outro acolá — responde-nos num sorriso escarnecedor. — P'ra nossa desgraça, não se póde mandar uma creança de noite a parte nenhuma.

Tinhamos já penetrado no centro populoso da praia. As habitações alinham-se, compactas, asseadas, num aspecto de bulhoso formigar de senhoras, cavalheiros e banhistas *habitues*, que cavaqueiam aqui e além.

Apeamo-nos. Vamos vêr a casa onde estiveram hospedados os alumnos do Collegio de Santa Maria. Das varandas a nossa vista delicia-se com o magestoso panorama que numa extensão de leguas observamos a olho nu. A nossos pés o mar, muito manso, brinca, envolvido no doce quebrar da espessa espuma, zunindo-nos o seu continuo barulhar.

No areal vê-se grande azafama de vareiras num surdo vozear; umas lavando sardinha no mar, outras *escochando* e preparando-as nas canastras. Muitos homens esperam, fitando o mar.

Vamos vêr. E' uma companhia que chega e já se avista perto; rapido se transforma num soberbo arraial o local onde trabalham as juntas de bois, que puxam a rêde.

Anciosos esperamos tambem um bom quarto d'hora na expectativa d'essa lucta pela vida. O amigo M. explica-nos todas as phases porque tem de passar uma companhia. Gritos d'exclamação, avisa-nos a chegada do *sacco* a terra. Corremos, para de *visu*, melhor analysarmos o desembarque. E' soberbo, entusiastico, delirante, o momento em que cortam as cordas da abertura da grande rede, toda enfeitada, com milhares de sardinhas, *vivinhas*, a bulir, com a cabeça fóra das malhas. Abrem; o vozear é medonho, ensurdecedor, naquelle momento; gritos d'alegria irmanam-se com as exclamações de febril admiração á vista da enorme avalanche de sardinha; a parte funda do *sacco* tinha quasi dois metros de altura. A colheita d'aquella companhia fóra uma das mais abundantes d'esta epocha.

(Continúa).

O foguetorio com musica

— O' Mileca, sabes que fogo é aquelle que estão a *botar* na praça?

— Pois então a ti Joanna não sabe?

— Eu não, filha. Ha bocadito passou aqui a musica. De certo tambem para lá ia. Pelos modos apesar de ser hoje segunda-feira ha festa grande na Praça. Escuta... ouves? E' um tal queimar fogo. Porque será, Mileca?

— Pois por que ha de ser ti, Joanna? E' a *cambrá* nova que toma hoje posse.

— Eu logo vi. Então foram os *limonadas*, rica menina, ou os *cachingós* que venceram?

— Pelos modos acho que fôram os republicanos.

— Sim?!... Mas havia ahi d'essa gente? Olha que talvez estejas enganada. Aquillo é posse de *limonadas* ou *cachingós*. Olha... ouves?

— Não sei, ti Joanna. E' o que ouvi dizer.

— O quê, filha?! não pode ser. Não havia ahi *replicanos* que vencessem ninguem. E eu já sei o costume d'estas posses de *cambras*.

— Não sei.

— E' São os *limonadas* ou os *cachingós*. Aquillo é costume. Mas olha, minha Mileca, aqui p'ra nós: Quem ha de pagar aquillo tudo somos nós.

— Seremos, ti Joanna?!...

— Somos, filha, somos.

— Mas elles lá arranjam aquillo de maneira que a gente paga mesmo sem saber. E' o costume, filha.

Este dialogo surprehendemo-lo na tarde da ultima segunda-feira, ahi na rua, quando passavamos. Não podémos deixar de sorrir por ouvirmos tão sabias palavras nascidas da larga experiencia da ti Joanna. E dissemos com os nossos botões: Como o povo possui o instincto da verdade!...

Estamos, porém, convencidos que d'esta vez a ti Joanna errou. A camara actual mereceu-nos, no geral, muita consideração e parece-nos que ha de dar alguma coisa. Pelo menos exemplos de justiça e honestidade.

CURIOSIDADES HISTORICAS

A Barrinha d'Esmoriz — Um canal entre Ovar e Porto

Villa da Feira, 6 d'abril de 1821.

O despotismo, meu amigo, vai aqui continuando muito; e amanhã se vai proceder a uma devassa promovida por José Pinto, de Paramos, que tendo alcançado do governo passado o exclusivo d'uma barca na Barrinha, com o fundamento de ser sua a chamada *Lagôa de Paramos*, onde ha colhido sempre a pescaria, fazendo-a sua propria, os pobres moradores que tiveram noticia da extincção dos Direitos Banaes e Coutadas, persuadidos que aquelle exclusivo da pesca dentro de uma lagôa aberta era uma verdadeira Coutada e que o exclusivo da dita barca para os passageiros transitarem era outro direito Banal, deitaram os barcos por terra, entraram a pescar, etc.

Eis agora o meu amigo José Pinto a queirrelar dos pobres pescadores, querendo culpá-os da assuada, etc.

Que tal? Não é isto bonito? Não é isto conforme aos Corcundas?

Na sessão das côrtes de 25 d'abril de 1821 leu-se uma memoria sobre a abertura d'um canal entre Ovar e o Porto.

Nota da Redacção

Estes dois documentos foram-nos enviados, por copia, da Villa da Feira. Por os julgarmos curiosos, lhes damos publicidade.

Administrador

A administração d'este concelho está confiada ao sr. Antonio Valente d'Almeida.

E

regedor de Vallega o sr. José Maria da Silva Graça

E

de S. Vicente José Francisco d'Andrade.

Commissão municipal

Dizem-nos que está assim constituída a d'Ovar:

Presidente: Dr. Chaves.
Vereadores: João Alves, José Lopes, Nunes Branco, Antonio Mello, Pereira Dias e Celestino d'Almeida.

Dorotheas

Constou no fim da semana passada que as dorotheas retiravam d'esta villa, por ordem do governo, que mandava dissolver todas as associações religiosas, no praso de vinte e quatro horas. Constou isto e o povo commoveu-se.

O povo, na sua maioria, vê isto mal.

Gente nova

vida nova. E' o que se diz e se está a dar com o nosso municipio.

No dia em que a commissão republicana tomou posse da camara baptisou a praça da farinha com o nome de Praça da Republica, o Largo dos Campos, com o de Praça 5 d'outubro e a rua de S. Thomé, Rua de Mousinho d'Albuquerque. Isto ao que nos consta.

A certeza havemos de bebel-a nos letreiros das respectivas esquinas, quando lá os puzerem.

Os nossos leitores não acham muito? Olhe que para principio...

Não se vai a Roma num dia.

Chuva

Veio na segunda-feira, prometendo continuar a tão desejada chuva. O tempo arrefeceu bastante.

A sementeira das forragens frustrar-se-hia sem estas bategas.

Deus sabe o que é preciso e acóde a tempo.

CONTOS DA SEMANA

Muito pequenina

Não tinha senão esse defeito, boas almas não se coíbiam de o dizer; mas esse defeito era sufficiente para fechar todas as carreiras a Irene Dyrmill: era coisa indiscutível.

Tinha obtido o seu diploma superior, conquistado todas as palmas do collegio Herbart, e adquirido mais sciencia do que comprehende o programma dos exames, já tão sobre-carregado. Porém de que lhe servia tudo isso? Acaso poderia jámais ser professora ajudante? Com aquelle corpo de creança! Já via os sorrisos d'escarneo das discipulas, e demais a senhora Herbart, fosse qual fosse o seu desejo de ser util a Irene, sua discipula predilecta, nunca teria pensado em confiar-lhe sequer um logar de vigilante.

Irene passava revista a todas as carreiras, sempre com as mesmas perplexidades.

Donzella de companhia? Mas quem acceitaria aquella figurinha, uma verdadeira boneca, que aliás tinha um coração bastante grande para soffrer, coração heroico n'um corpo de pygmeu?

Directora de correio? Bem o de-sejara ella! Quem impediria que então se tornasse alta, ajudando-se de assentos elevados? Só havia um obstaculo: nunca os directores consentiriam em confiar-lhe a responsabilidade de uma repartição. Tão pequenina! E é certo que tinha vinte annos!

Caixeira n'um armazem? Impossível! E depois, sempre a grande questão: se dominasse a propria timidez, se se arriscasse a solicitar um logar, estava bem certa de ouvir uma recusa, dez recusas. Tão pequenina! E era só no mundo, sem outro amparo que a boa senhora Herbart, que tinha já tanto que trabalhar para si e para a sua familia. Irene não queria acceitar coisa alguma d'aquella generosa senhora, rodeada de parentes necessitados, e que já tão delicadamente havia obsequiado a sua querida Dyrmill.

Teria podido Irene occupar-se da escripturação, da direcção interna, poupando alguns cuidados materiaes á sua bemfeitora; mas o logar estava occupado. As irmãs, tias e primas da senhora Herbart repartiam entre si esses cuidados. Irene não era mais que a sua bôcca inutil...

Corrigir os cadernos, preparar modelos d'escripta, era ainda um meio d'acção accessivel á menin Dyrmill. E o senhor Herbart? Esse tinha tanto apego aos cadernos como ao jantar, e dava-se ares de importancia, como se lhe pertencesse a honra da prosperidade da casa. Era necessaria a inexaurivel benevolencia da senhora Herbart para supportar toda aquella tribu de parasitas que se agarrava a ella. O homem dos cadernos não era mais que seu primo; e comquanto o seu cargo não fosse absolutamente uma sinecura, certo é que não merecia os seus honorarios.

Irene suspirava. Seria forçoso dei-

zar a senhora Herbart, e isso era para ella doloroso. Para onde havia de ir? Que havia de fazer? A quem havia de recorrer? De quem se havia de amparar? Pobre Irenesinha! E passavam os dias sem que se lhe offerecesse uma taboa de salvação. Tinha inveja á costureira que trabalhava cantando, á modista que chegava toda risonha, com a sua carga de vestidos e capas, que provava conversando com as professoras ajudantes. Porque o não havemos de dizer? Nos seus momentos de misanthropia, até preferia á sua a sorte das lavadeiras e das creadas. O que não impedia que se zangasse muito com suas loucas ideias. Deus não é o senhor de todas as coisas? Não é artigo de fé que a sua bondade é infinita, que é bom por essencia? Não disse aos seus discipulos, aos que o seguem na sua via: «Ainda quando uma mãe pudesse esquecer seus filhos, não vos esqueceria eu nunca»? Elle que proporciona ás nossas forças os trabalhos que nos manda, não terá compaixão d'aquella creaturinha cuja miseria conhece?

Então Irene levantava a cabeça, e a esperança lhe fazia palpitar o coração. Uma educação séria lhe elevára a alma, ornando-lhe o espirito; e por isso era tão piedosa quanto animosa e dedicada. Lêra e admirara este dito de Madame Swetchine que «a occasião do trabalho é uma recompensa concedida á boa vontade do operario», — e pedia a Deus, ao amigo sempre fiel, que abençoasse os seus desejos e aplanasse ante ella o caminho. Encherá-a Deus dos dons da intelligencia, como para a indemnizar da força physica de que se via privada. Bem sabia ella que as liberalidades divinas são espontaneas, e esperava a luz: se a cruz da inutilidade e da impotencia devesse pesar-lhe sobre os hombros até á morte, não murmuraria, e forcejaria por santificar o seu martyrio.

«Querida e desditosa menina!» dizia no seu intimo a senhora Herbart, adivinhando as luctas que se travavam sob as frageis apparencias d'Irene. Nenhum trabalho assiduo era possível áquella pobre moça; tudo ella experimentara, costura, bordado, pintura, copia de papeis, etc.; mas prazia áquella que dirige tudo «com numero, pezo e medida», exercitar na resignação, na passividade aquella eleita da dôr.

Um dia, levaram á senhora Herbart duas irmãs gêmeas, de delicadissima saude, para as quaes o tutor pedia cuidados particulares e lições á parte. Mais uma professora ajudante, que se dedicasse unicamente ás duas irmãs, ia ainda agravar o orçamento da senhora Herbart. Irene amava as creancinhas, e aquellas eram doentes e orphãs, duplo attractivo para a compassiva affeição da menina Dyrmill.

—Se eu fosse maior!—murmurou ella com pungente magua.

Ouviu-a a senhora Herbart, que se inclinou meigamente para a desherdada.

—Quer a menina incumbir-se de as educar, Irene?

Um clarão d'alegria lhe illuminou a fronte.

—Está dito: entrego-lh'as; ame-as muito.

—Pois sim; eu não digo menos d'isso; mas enfim... um cirurgião tem o tempo tão occupado!... ainda se meu filho...

—Uma quarta de assucar—bradou uma rapariga, que n'esta occasião entrava na loja, e por esta fôrma, uma vez mais, impediu que José das Dornas realisasse o seu intento. Quando a freguezia se retirou, elle proseguiu com constancia digna de melhor sorte:

—Mas ainda se meu filho...

O tendeiro porém, que com a transacção que operára, tinha deixado escapar o fio da conversa, julgou que se tratava de Pedro e perguntou:

—Então quando casa elle com a Clarita do Meadas?

—Veremos; provavelmente breve; chegando do Porto o outro rapaz.

—Olhe que foi bem bom arranjo, snr. Zé — continuou o tendeiro com impertinente falta de percepção.—Só o campo dos Bajuncos é uma tal peça de lava.

—E sobre tudo é boa cachopa a

Que satisfação! As meninas tinham quatro annos; era a primeira vez que o collegio Herbart recebia alumnas de tão tenra idade. Irene fez-se sua mãe, sua mestra, e sua amiga; não as deixou mais. Por espaço de seis annos viveu para ellas. Era adequada—quem o imaginára?—para aquelle papel de abnegação. Foi completo o bom exito d'aquelle ensaio. Irene Dyrmill foi por isso nomeada mestra da classe infantil: encontrára a sua vocação, e já não a achavam muito pequenina.

BOLETIM ELEGANTE

Estiveram em S. Vicente, de visita a seu irmão sr. Antonio Alves da Cruz, os srs. Joaquim e Manoel Alves da Cruz.

—Regressou do Furadouro o nosso amigo e assignante, sr. Antonio da Silva Neves.

—Chegou ha dias do estrangeiro, por onde andára em excursão de recreio com sua ex.^{ma} esposa, o sr. Dr. Gonçalo Huet Bacellar Sotto Mayor Pinto Guedes.

—Passa no dia 15 o anniversario natalicio do ex.^{mo} sr. Dr. Jayme de Magalhães Lima, antigo deputado e notavel publicista.

—Completa vinte annos no dia 15 a menina Leonidia Rosa de Jesus.

—Retira por estes dias para Coimbra, para a companhia de seu tio Dr. Souza Gomes, o menino José Perry, filhinho do digno secretario d'Administração nosso estimado amigo sr. Guilherme Perry.

—Teve a sua *délivrance* a esposa do nosso amigo sr. Joaquim Gomes Ferreira.

—Cumprimentamos nesta villa no domingo ultimo o nosso estimado amigo e importante capitalista de Vallega, sr. José Pinho da Cruz.

—Tambem aqui estiveram os srs. José Lino Pires de Rezende, Manoel da Silva Henrique e Domingos de Mattos.

—Estão no Furadouro os srs. Padres Francisco Alves de Rezende, Albino de Mattos e Agostinho Ferreira.

Agradecimento

Os abaixo assignados filhos, sobrinho e primos da saudosa extincta Maria Joanna Rodrigues da Silva, moradora que foi do largo de S. Miguel, agradecem por este unico meio a todas as pessoas que se dignaram cumprimenta-los por occasião do seu fallecimento, e igualmente se confessam penhorados para com todas aquellas que tiveram a caridade de assistir á missa do setimo dia que por sua alma mandaram celebrar.

A todas o seu infindavel reconhecimento.

Ovar, 5 de outubro de 1910.

Maria Dias de Mendonça
Dina d'Oliveira Mendonça
Antonio Dias de Mendonça
Antonio Dias Pereira
Benjamim Rodrigues da Silva
João Rodrigues da Silva.

rapariga; lá isso é. Pois... quando vier o outro... — teimava o lavrador.

De novo um feirante veio interromper o discurso ao pobre do pae, que se vingou mandando-o interiormente ao diabo. Já ia desesperando de conseguir a realisacção do seu innocente proposito, quando o reitor, passando por a porta da loja, lhe perguntou:

—Então vem hoje o homem ou não?

—Eu espero que sim, snr. reitor — disse José das Dornas, levantando-se e descobrindo-se. — Pelo menos não recebi ainda noticias em contrario.

—Vê se me mandas avisar, logo que chegue, que o hei de querer ir vêr.

—Não ha de haver duvida.

—Adeus.

E o padre continuou o seu caminho, cortejando amavelmente, com um movimento de bengala, João da Esquina, que apesar de partidario do do Amparo, não acolheu friamente a saudação. Mas a final, gra-

GRANDES ARMAZENS DA ESTAMPARIA DO BOLHAO

Os maiores, os mais antigos, os que iniciaram o systema de preço fixo, os que mais sortimento tem e os que mais barato vendem.

Sortimento completo de todos os artigos proprios para vestuario de senhora, homem e creança, uso de casa, perfumarias, brinquedos, moveis, automoveis, etc., etc.

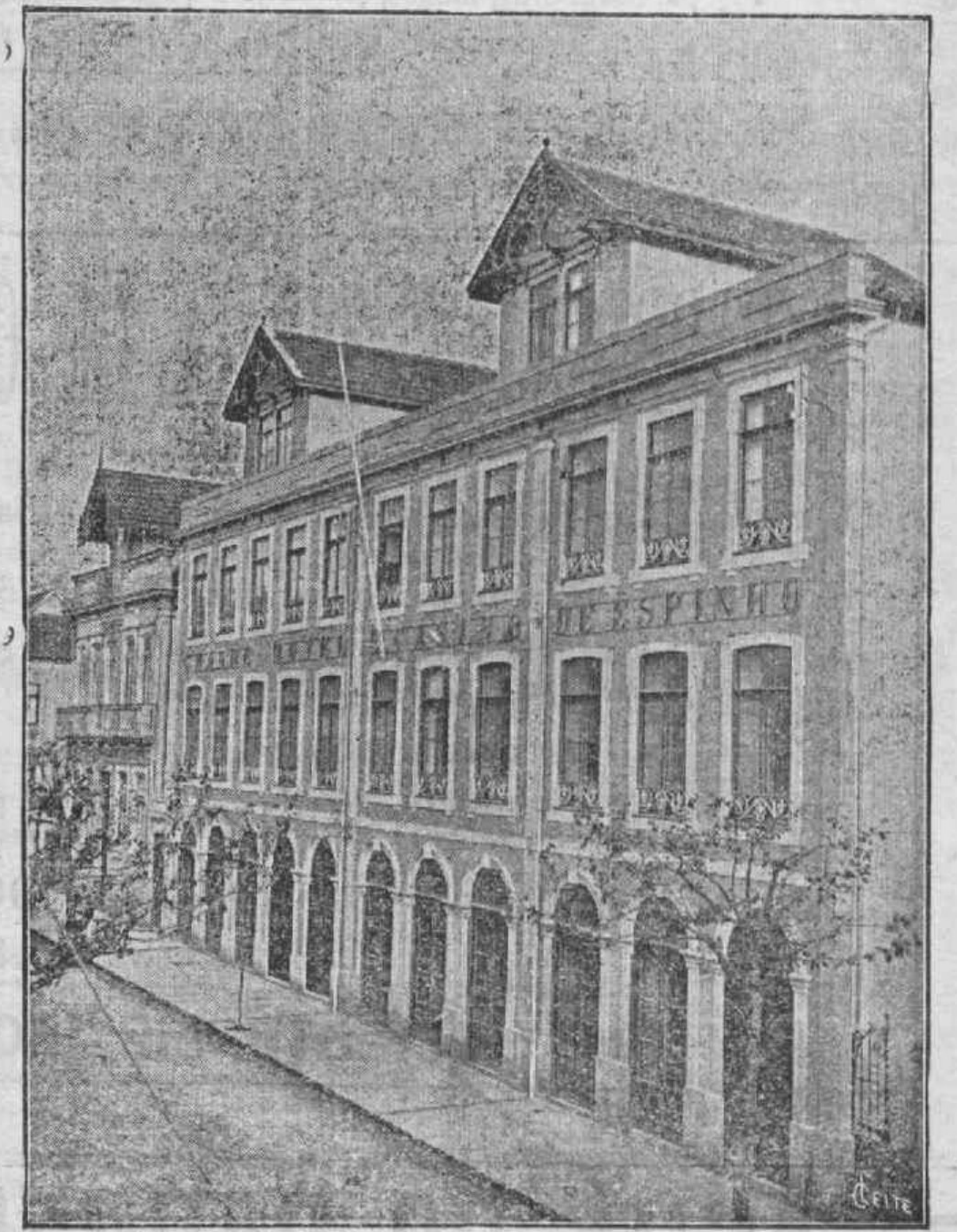
Quem visitar a cidade do Porto, não deve deixar de vêr os nossos GRANDES ARMAZENS que occupam uma área de 3.000 metros quadrados, n'um só pavimento

328, Rua de Fernandes Thomaz, 348—Porto

GRANDE HOTEL E CASINO DE ESPINHO

O unico hotel que nas pralhas de Portugal tem cozinha especial para o regimen dietetico Gereziano

PARA TODAS AS INDICAÇÕES
No Gerez, Hotel Ribeiro
No Porto, Hotel Bragança
Entre - Paredes e Bazar do Porto, Santa Catharina, 16



Hotel de primeira ordem
Situado no melhor local Aberto desde 1 de junho
TODO O CONFORTO MODERNO

Correspondencia a RIBEIRO & IRMÃO — Telephone, 5

Endereço telegraphico, GRANDOTEL — ESPINHO

FALLECEU

Na freguesia de Vallega, no dia 5, o rev. Padre Manoel Peneda, com a idade de 50 annos. Pesames á familia enluctada.

O mar

Deu no resto da semana e ainda principios desta, occasião de trabalhar na costa do Furadouro, sendo a pesca abundante e de bôa estampa.

HORARIO DOS COMBOIOS Ovar ao Porto e vice-versa

OVAR — PORTO
Manhã: 4,50 — 5,52 — 7,20 — 8,6 — 9,55 — 10,44.

Tarde: 12,15 — 3,14 — 6,17 — 6,54 — 8,30 — 11,12.

PORTO — OVAR
Manhã: 4,15 — 5,19 — 6,35 — 7 — 9,30 — 11,20.

Tarde: 2,14 — 3,6 — 5,10 — 6,26 — 8,45.

e bem feita. Deixe estar que lh'o hei de trazer, para vêr.

—Eu d'isso pouco sei dizer, não é a minha especialidade.

Não estamos habilitados para declarar aqui qual fosse a especialidade do snr. João da Esquina.

—Pois sim, bem sei;—continuou o pae—mas sempre lá ha de encontrar cousa que perceba. O João Semana tambem tem um que o Daniel lhe mandou, e disse-me que está coisa assaeiada; e o snr. reitor affirmou-me que bem se conhece que o rapaz não se esqueceu do latim, porque em... geographia, parece-me que foi geographia que elle disse, n'isto que ensina a escrever com letras dobradas, não tem nada que se lhe note.

—Bom é isso — replicou o tendeiro, já um pouco distraido a sommar as parcelas do seu livro de assentos.

José das Dornas continuou:

(Continúa).

(25) FOLHETIM

JULIO DINIZ

AS PUPILLAS

20

SENHOR REITOR

Chronica d'aldeia

—Velho, sim, mas robusto como poucos rapazes. Olhe vossemecê que aquella alminha já ás cinco horas da manhã tem visitado mais de sete ou oito doentes.

José das Dornas julgou ainda este terreno favoravel para lançar os alicerces da ponte que queria construir.

—Isso lá é assim; bem precisa de quem o ajude; e dentro em pouco...

João da Esquina ainda d'esta vez lhe baldou a tentativa.

—Mas diz vossê que elle é amigo do reitor? tambem eu sou; mas isso não quer dizer nada, o que é de direito...

HISTOGENO

Unico medicamento adoptado nos Dispensarios anti-tuberculosos, Sanatorios, Hospitais da Misericordia de Lisboa, Porto e Clinicas particulares para a cura da TUBERCULOSE, Dia-

bettes, Anemia, Neurasthenia e doencas consumptivas em geral, que, abandonadas no seu principio, dão origem á

TUBERCULOSE
O doente sente-se melhor com um frasco e curado tomando seis.

LLOPIS

Preaver contra os productos similares que na pratica teem d e mostrado se alteram, produzindo effeitos contrarios e prejudiciaes á saude.

Peça-se sempre o **Histogeno Llopis** Unico que cura Unico inalteravel

Para a cura da **DIABETES** preparamos o *histogeno anti-diabetico*, formula especial de resultados seguros na cura dos doentes submettidos a tratamento do *Histogeno anti-diabetico*.

Formas do **Histogeno Llopis** **Histogeno liquido.** — **Histogeno granulado.** **Histogeno anti-diabetico.**

Preço do **Histogeno Llopis** **FRASCO GRANDE, 1\$100 reis.** — **FRASCO PEQUENO, offerta GRATIS** aos pobres do **Dispensario anti-tuberculoso, Santa Casa da Misericordia e Hospita**

do Rego. Vende-se em todas as pharmacias e drogarias. Representantes geraes em Portugal: em Lisboa, C. Mahona & Amaral, Limitada, rua d'El-Rei, 73-2.º—No Porto: Antonio Cerqueira da Motta & C.ª, rua de Mousinho dy Silveira, 115.

ESPINGARDAS DE CAÇA E TODOS OS APRESTOS

Esta antiga casa, tendo concluido as grandes obras que fez nos seus depositos e na sua loja, formando-os mais vastos e mais confortaveis, recebeu o seu importante sortido de armas de caça, de todos os systemas e dos melhores fabricantes, de fabrico exclusivo para a CASA LINO, de sorte que em nenhuma outra casa será possivel encontrar uma unica espingarda igual ás que esta casa vende.

Chegou tambem o sortimento de cartuchos de caça e para tiro aos pombos. Accessorios de caça e pesca

Prana «Sparklets»
Vibrador «Varno»
Sorvetelras, etc., etc.

CASA LINO
40, Praça de D. Pedro, 41
PORTO

PAPEIS PARA FERRAR CASAS

Das principaes fabricas estrangeiras acaba de receber um variado e importante sortido de deposito da Fabrica de

Antonio Cardoso da Rocha
178, R. de Santo Antonio. 180-PORTO

N'este deposito ha tambem grande variedade em papeis nacionaes, em todos os generos e preços, imitações de vitraux, de couros, cartões para estuque, bonds, panneaux decorativos, etc., etc.

ARMAZENS da CAPELLA

A primeira casa das Carmelitas n.º 70

PORTO

Grande sortimento de casimiras para fatos, Tecidos de lã algodão, linho e seda para vestidos, tapetes, malhas, confecções para senhoras, modas, pannos crus, morins etc., etc.

Vendas a preços baratissimos

FABRICA DE TELHA DE OVAR

Os preços da telha d'esta fabrica, actualmente, tanto na fabrica como no caes da Ribeira, ou em wagon na estação do caminho de ferro de Ovar, são:

1.ª, 21\$000; 2.ª, 16\$000; 3.ª, 13\$500 REIS

Isto sem desconto algum

FABRICA: LARGO do MÁRTYR

A sua resistencia eleva-se a mais de 100 kilos

Escolha feita a rigor

Proprietarios: PEIXOTO, RIBEIRO & C.ª

FABRICA DE LOUÇA DAS DEVEZAS

DE

José Ferreira Valente, Filhos

RUA D. LEONOR, 114 A 134

Villa Nova de Gaya — Devezas

Louça para uso domestico em faiança e pó de pedra. Artigos de saneamento e decorativo. Fabrico especial em azulejo fino a rivalisar com o melhor estrangeiro.

Não confundir com a fabrica ceramica do mesmo lugar. Cuidado, pois.

Preços os mais convidativos

Endereço telegraphico: AZULEJOS — Telephone, 279

Estabelecimento de Merceria e Deposito de Garrafas

DE MARQUES & ARAUJO LIMITADA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Rua de S. João, 44 e 45 — Porto

Telephone, 616

AGUA DO BARREIRO

Na Serra do Caramulo (BEIRA-ALTA)

Contra a ANEMIA e outras doencas provenientes da mesma. Contra as DOENCAS DO ESTOMAGO e INTESTINOS. Contra as PERTURBAÇÕES MENSTRUAES. A mais barata de todas as AGUAS MEDICINAES.—Uma garrafa para 4 dias.

Deposito em Ovar—Viuva Cervelra

José Bernardo Carlos das Neves

221, Rua das Flores, 226 (Esquina do Souto) - PORTO (CASA FUNDADA EM 1776)

Especialidade em CHA' e CAFE' de todas as qualidades e todos os preços. ASSUCAR de todas as qualidades, CHOCOLATE nacional e estrangeiro.

KROQUETTES de chocolate em caixinhas de phantasia. MASSAS alimenticias. CONSERVAS e muitos outros generos e artigos por preços rasoaveis.

CAFE' de FAMILIA especialidade d'esta casa 500 rs. o kilo

IMPORTAÇÃO DIRECTA PUREZA das QUALIDADES

TYPOGRAPHIA

JOSÉ F. DA FONSECA & FILHO
72—Rua da Pícaria, 74—PORTO

N'esta typographia, que acaba d'obter um consideravel melhoramento no seu machinismo e uma grande quantidade de phantasias, executam-se com esmero todos os trabalhos typographicos.

Preços modicos e brevidade nos trabalhos.

Especialidade em bilhetes de visita e em trabalhos de phantasia

Uma visita á PHOTOGRAPHIA CARVALHO R. do Passio Alegre, 27, 29 ESPINHO

TODOS os trabalhos photographicos. Retratos coloridos em porcelana. Retratos coloridos a oleo, aguarela e pastel. Retratos em esmalte, semi-esmalte e marfim. Miniaturas a oleo para medallhas, o que ha de mais moderno e artistico. Effeitos de luz, novidade, etc., etc. Officina de mechanica, de cartongem e photographia mod rna. Ampliações e reproduções de qualquer retrato. Transformação de vestidos e penteados

Preços sem competencia

Forma de se ganhar com especialidade a singular

Indulgencia da Porciuncula

Concedida por Christo Senhor Nosso

E intercessão da Virgem Maria Sua Santissima Mãe ao serafico Patriarcha S. Francisco; e forma da visita para bem espiritual das almas com uma antifona e oração contra a peste
Preço, 50 reis. — Vende-se na typ. Fonseca e Filho, rua da Pícaria, 74.

ALBERTO MILHEIRO

Cirurgião dentista

Prothese e operações dentarias

PASSEIO ALEGRE, 10-1.º
(Em frente ao coreto da Graciosa)
ESPINHO

MOREIRA, GUIMARÃES & Cª

37, Praça de Carlos Alberto, 38-A — Porto

Exposição de todas as novidades recebidas directamente de Paris, Londres, Berlim e Vienna

Especialidade em tecidos para campo e praia
ATELIER DE MODISTA

Enviam-se amostras na volta do correio

FOSFODOGLICINA De Lemos & Filhos

Maravilhoso medicamento para a cura das escrophulas, rachitismo, anemia, neurasthenia, etc. Ensaiado com grande exito em quasi todos os hospitais do paiz, recommendado por centenas e attestados medicos de professores, especialistas, etc. Pelo aspecto, pelodsabor, e pelos magnificos resultados que produz, é superior ao oleo de fígado de bacalhau, e seus derivados.

Milhares de curas. Especifico para as creanças fracas

DEPOSITOS GERAES

Porto — Pharmacia Lemos & Filhos. Praça de Carlos Alberto, 31.
Lisboa — Drogaria Pimentel & Quintans. Rua da Prata, 194

A' venda em todas as pharmacias e drogarias do reino
Preço conforme a quantidade

REGENERADOR LIBERAL OVAR

ILL.º SNR.